

HISTÓRIAS DE UMA DISSERTAÇÃO¹

Neusa Lima Medrado

PRODUZIR uma dissertação de mestrado ou de doutorado, definitivamente, não é uma coisa fácil. E não me refiro aqui apenas às dificuldades para se atender aos rigores acadêmicos. Meu olhar tem se voltado para as razões que levam alguém a escolher determinado tema, para os caminhos percorridos pelo pesquisador muito antes de decidir dedicar três, quatro ou cinco anos da sua vida a estudar um determinado objeto. Além disso: que destinos sonha cada pesquisador para o seu trabalho, após sua conclusão?

Quanto aos destinos, em algumas áreas parece fácil encontrar respostas para minhas perguntas. Na química ou na medicina pode-se estar buscando a cura para um determinado mal. Nas engenharias os resultados pode gerar novos materiais que poderão ser aproveitados na área industrial, por exemplo.

O pouco que conheço está mais diretamente relacionado às hoje denominadas Ciências Humanas. Aqui, parece, a questão se torna muito mais subjetiva. Não acho que seja o caso de citar literalmente. Mas, sempre me acontece de tomar contato com alguns trabalhos e ficar tentando descobrir quem e por que alguém irá retirar aquele trabalho das prateleiras de alguma biblioteca, tento compreender a quem os resultados da pesquisa poderão beneficiar...

Em nenhuma das áreas, no entanto, a relação entre as escolhas feitas, a história do pesquisador e as razões de suas opções deixa de me fascinar. Em cada linha, de cada trabalho que leio busco, além de conhecer seu objeto e objetivos, a história do trabalho em si e a de quem o produziu. Por que um médico se torna médico? E um professor? Um historiador? Um geógrafo? E um filósofo, então? Por que determinada revolução, determinado grupo social, determinado autor foi escolhido para ser estudado?

¹ Reflexão do processo de produção da dissertação de mestrado **Histórias das Histórias de Piracicaba: levantamento de publicações sobre a História e a Memória Piracicabanas**. Faculdade e Educação da Unicamp, Campinas, SP, 22/02/00

Não tenho dúvidas de que foram minhas inquietações diante do mundo que determinaram, em primeiro lugar os rumos da minha vida profissional e, em seguida, meus objetos de estudo e os destinos que gostaria de dar a seus resultados...

Sou do tempo em que criança tinha hora certa para dormir e, para tornar esta rotina menos problemática, os pais costumavam sentar nas camas dos filhos e lhes contar histórias até que o sono chegasse. Meu sono infantil foi todo embalado por histórias das quais, confesso, nem me lembro mais. Ficou o prazer de ouvir histórias, narrativas, causos. Até hoje, na casa dos quarenta, me encanta encontrar pessoas que parecem ter o dom de criar e contar histórias.

Meus anos de juventude foram vividos sob “nossa” triste ditadura militar que impediu histórias de serem vividas, que teve como companheira a violência, as armas, os cassetes e pau-de-arara, e a censura, que tentou impedir que se contassem histórias.

Vivi tempos em que a história fez vir à tona histórias que se havia tentado esconder.

Meu tempo empurrou-me para a história, para a história acadêmica. Resolvi transformar em profissão o que até então era uma mistura de prazer e dor. Descobri uma história muito mais bela e, ao mesmo tempo, cruel. E, maravilhosamente: a história estudada é, assim como a história vivida, constituída de movimentos, rupturas, construções, problemas..., não tem nada a ver com aquelas listas de nomes e datas dos meus tempos de “escola”...

Meu objeto de estudo no Mestrado foi a história do município de Piracicaba. Esta escolha também se encontra profundamente ligada às minhas experiências pessoais.

Meu primeiro contato com a cidade de Piracicaba ocorreu há quase vinte anos. Durante muito tempo minha visão da cidade foi a de uma “turista”, alguém que só vinha à cidade para namorar, passear e se divertir. A maioria dos meus amigos era composta de universitários que, em geral, tinham vindo morar na cidade para poder freqüentar um dos cursos aqui existentes.

Quando decidi sair da cidade grande, fugindo de seus conflitos e agitação, escolhi essa cidade que tem um rio como companheiro, em cujas margens se pode papear, sonhar, estudar..., hoje um pouco menos que há dez anos atrás.

Mudei e ingressei na universidade.² Os primeiros anos da graduação pareceram uma continuação dos tempos de turista, o contato maior continuava sendo com estudantes também recém-chegados.

Uma grande mudança ocorreu quando passei a atuar no magistério, ministrando aulas na rede pública. Foi quando comecei a conhecer uma outra Piracicaba. O contato com os alunos e seus pais, com os colegas professores e funcionários, com o que aqui se costuma chamar de “nativos”, mostrou-me uma Piracicaba muito diferente, com valores e comportamentos que eu desconhecia até então.

Percebi que a cidade era habitada por grupos diferentes que praticamente não se enxergavam. Na verdade, o mundo universitário, incluindo aí muitos dos profissionais que nele atuam e seus estudantes, se desenvolve quase que autonomamente. São idéias,

² Minha mudança para Piracicaba ocorreu em 1991, mesmo ano em que ingressei na universidade.

valores, comportamentos e atitudes que pareceram muito contrastantes para alguém que começava a conviver com os “dois lados”.

Ao perceber esses conflitos passei a querer conhecer mais profundamente a história desta cidade, ou melhor, queria conhecer as tradições e as idéias que ajudaram a construir esta sociedade com a qual tenho mantido uma relação de amor e ódio.

Meu interesse pela história do município de Piracicaba se deve também, além da tentativa de entender os conflitos detectados no meu cotidiano, a um conjunto de oportunidades que foram sendo construídas a partir do momento em que ingressei no curso de história da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP.

A primeira oportunidade deu-se através de um projeto de iniciação científica que buscava resgatar uma parcela da produção cultural da cidade. Durante a pesquisa, tive meu primeiro contato com os estudos realizados pelo grupo ligado ao Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – IHGP. Conheci também uma coleção de jornais locais publicados a partir de 1882³. Guardei uma grande curiosidade de conhecer melhor toda aquela produção. Alguma coisa já me incomodou naquela época.

Através das leituras de textos indicados pelos pesquisadores pude compreender o papel desempenhado por estudos que procuravam resgatar as especificidades regionais. Optar por fazer a história das regiões pode significar a colocação em cena de atores cujas relações culturais, políticas e sociais ficaram “esquecidas”⁴.

Procurando dar vazão às inquietações desenvolvidas desde o primeiro contato com a história de Piracicaba, escolhi como tema da monografia um dos jornais que circularam em Piracicaba no início dos anos 30.⁵ Com toda a dificuldade de alguém que faz sua primeira pesquisa individual, conheci um pouco mais da história local.

Graças à experiência de pesquisa em jornais, surgiu mais uma oportunidade. Fui convidada pelas professoras Eliana Terci e Maria Thereza Miguel Peres, da UNIMEP, para trabalhar como auxiliar de pesquisa. Na época as professoras já estavam com suas teses de doutorado praticamente concluídas e eu deveria apenas confirmar alguns dados e levantar uma ou outra informação que pudesse interessar às pesquisas que as professoras haviam desenvolvido.

Tenho certeza de que atrasei bastante o trabalho das minhas amigas porque acabava sempre me concentrando em temas “paralelos” enquanto consultava os jornais: as brigas de vizinhos, enchentes, filmes em cartaz, o comportamento dos jovens no cinema. Tudo isso mexia com minha imaginação e aguçava a minha vontade de conhecer e entender os meandros daquela época, daquelas pessoas.

³ Trata-se de “A Gazeta” que circulou até o início dos anos 30. Já em 1900 era lançado também o “Jornal de Piracicaba” que circula até hoje. Nos anos 30 o município chegou a ter quatro jornais diários. Isto me chamou a atenção.

⁴ Sobre História Regional e local, ver entre outros: SILVA, M. (coord.). República em Migalhas: história regional e local. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990, p. 13.

⁵ O jornal escolhido foi “O MOMENTO” que circulou no município de Piracicaba no período de dezembro de 1930 a maio de 1933. Na época em que desenvolvi a monografia tive contato direto com os exemplares originais que se encontravam sob a guarda da biblioteca Municipal. Atualmente, toda a coleção de jornais daquela biblioteca se encontra microfilmada.

É claro que todo esse entusiasmo não nasceu sozinho, as leituras de Jacques Le Goff, Peter Burke e Carlo Guinzburg, entre outros, feitas durante a graduação, haviam me indicado caminhos possíveis para o conhecimento histórico. Ficava cada vez mais clara para mim a interferência do sujeito no processo de produção do conhecimento.

Escolher Piracicaba como objeto de estudo foi, mais uma vez, resultado da associação entre a minhas experiências pessoais e acadêmicas.

Embora as teses, livros, textos ou trabalhos coletivos, com os quais tinha contato, não respondessem a muitas das minhas questões (eu queria a história escondida nos comportamentos cotidianos, nos gestos contidos, nos silêncios) decidi que, se pretendia escrever uma outra história, eu deveria antes conhecer mais profundamente o que já havia sido produzido sobre a história local. Não bastavam impressões superficiais. O trabalho com essas fontes, pareceu-me, poderia permitir compreender como foram feitas as tentativas de (re)construção da memória e da história local, como diria Hobsbawn, a “Invenção das Tradições” na cidade de Piracicaba.

Resolvi buscar esta invenção através de seus jornalistas, cronistas e memorialistas, homens comprometidos com a construção dessas tradições. Junto com os pesquisadores acadêmicos, eles se tornaram meus parceiros, apesar de não terem sido consultados sobre esta parceria.

O trabalho, portanto, desenvolveu-se em torno do que já foi produzido sobre a memória e a história local, mas as preocupações iniciais, voltadas para o que ainda não foi escrito, para o que continuava “escondido”, não me permitiram deixar de lado as possibilidades de investigação e (re)conhecimento de uma outra história da cidade. A leitura das obras já produzidas sobre a memória e a história local esteve sempre acompanhada da preocupação com a construção de novos problemas e possibilidades de investigação sobre esta história. Não se tratava de pretender escrever uma “nova” história de Piracicaba mas sim de tentar descobrir outras histórias, entre as muitas possíveis.

Um levantamento preliminar mostrou que o número de obras produzidas por piracicabanos e/ou editadas em Piracicaba era muito grande, difíceis de serem trabalhadas nas condições em que este estudo se desenvolveu.⁶ Era necessário fazer um recorte. Decidi centrar meu olhar na Biblioteca Municipal, antes de mais nada por ser um ambiente que havia se tornado, para mim, muito familiar e onde poderia contar com a colaboração dos funcionários que já me conheciam e respeitavam o meu trabalho. Além disso, eu conhecia grande parte de seu acervo, o que, em princípio, deveria facilitar o trabalho de levantamento do material. E, eu também já sabia que quando a história de Piracicaba é trabalhada com os alunos do ensino fundamental e médio⁷ o

⁶ As condições em que o trabalho se desenvolveu limitaram bastante os objetivos. Trabalhando quase quarenta horas na rede pública estadual e mais algumas horas numa escola privada, fez com que o tempo de dedicação ao projeto não fosse o ideal, isso graças ao drástico corte que o atual governo fez nos financiamentos de pesquisa, criando o que costumo chamar dos “sem bolsa”, entre os quais me incluo.

⁷ A frequência com que conteúdos relacionados à história local vêm sendo trabalhados na área de história nos ensinos fundamental e médio tem sido muito grande, principalmente, acredito, porque esta tem sido uma orientação dada pela própria Secretária da Educação. Orientação esta, provavelmente, baseada em concepções historiográficas cujo caráter, pretendo, estará sendo discutido no próximo capítulo.

ponto de referência para os alunos é a biblioteca Municipal. É através de seu acervo que os jovens estudantes conhecem um pouco da história local.⁸

Mais uma vez, minas experiências pessoais ajudaram a definir os rumos do meu trabalho.

Comecei a desejar que o levantamento realizado, além de satisfazer minhas curiosidades pessoais, pudesse se constituir numa referência para os colegas professores, facilitando a indicação de fontes para os trabalhos escolares. Espero mesmo que minha pesquisa possa contribuir com os estudantes quando da elaboração desses trabalhos e, no caso dos universitários, na elaboração de suas monografias.

Os números encontrados mostraram, mais uma vez, a necessidade de ser feito um novo recorte para viabilizar a conclusão deste estudo. O leitor irá encontrar no meu trabalho uma relação de todo material que encontrei na Biblioteca Municipal. Porém, para um estudo mais detalhado, selecionei apenas os artigos publicados nas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – IHGP, que tratam diretamente da história da cidade. Foram selecionados 19 artigos. Esta seleção se justifica, na minha opinião, porque coloca em destaque uma instituição que, por mais de 30 anos, vem trabalhando no sentido de resgatar, registrar e divulgar a história local. As revistas, juntamente com as palestras que o Instituto costuma promover, representam a materialização dos seus objetivos primeiros. Os artigos das revistas parecem ser representativos das idéias predominantes no grupo pois, como demonstrou o levantamento feito, a maioria deles foi escrita por sócios do IHGP e, segundo informações do próprio Instituto, a aceitação de um novo membro depende sempre da aprovação dos já associados.

Além disso, conhecer esta produção significa conhecer a história local que tem estado ao alcance do cidadão comum, do não especialista, que costuma ter acesso à história de sua cidade através dessas publicações e, principalmente, de pequenos artigos publicados na imprensa local e que, na sua maioria, são escritos pelos mesmos autores que foram destacados na minha pesquisa⁹.

Elaborei “resumos” dos artigos selecionados e junto a esses resumos achei importante identificar seus autores. Esta apresentação foi montada através de informações fornecidas pelos autores e complementada com detalhes dos quais fui tomando conhecimento graças às minhas atividades como estudante, pesquisadora e professora.

Trata-se, enfim, de um trabalho de levantamento e identificação de fontes bibliográficas sobre a história do município de Piracicaba que podem ser encontradas na Biblioteca Pública Municipal.

A “separação”, citada anteriormente, entre os grupos ligados ao mundo universitário e os “nativos”. pareceu se confirmar através do acervo pesquisado. Trabalhos acadêmicos sobre a história local não faziam parte do acervo da biblioteca. Não

⁸ Nas escolas onde trabalho e nas centenas de horas que estive pesquisando na Biblioteca Municipal, pude observar que, na maioria das vezes, os professores aproveitam especialmente as datas comemorativas para solicitarem aos alunos pesquisas sobre a cidade. Muitas vezes esses colegas nem conhecem o material disponível.

⁹ Portanto, apesar de os jornais terem ficado de fora do meu estudo, ao conhecer o conteúdo dos artigos selecionados se poderá ter uma idéia quanto à história que se vem divulgando através dos jornais locais.

encontrei na Biblioteca material produzido, por exemplo, na UNIMEP. Este problema, na minha opinião, não podia ser ignorado. Para dar contornos mais claros às minhas afirmações, incluí na dissertação uma relação de estudos sobre a história de Piracicaba produzidos naquela Universidade.¹⁰ Ao menos até a conclusão da minha pesquisa, se mantinha quase que completamente isolada, protegida pelos “muros” da academia.

Como afirmei no início, definir o tema, recortar períodos, realizar levantamentos, cumprir prazos, etc., produzir uma dissertação definitivamente não é uma coisa fácil. Embora existam inúmeras publicações indicando procedimentos que facilitam a execução dos trabalhos de pesquisa, não acredito em métodos pré estabelecidos. Carlo Guinzburg, historiador italiano, faz um exercício com a etimologia da palavra método que considero interessante: em grego método significa o caminho depois que se percorreu. Neste sentido, nem o pesquisador pode preestabelecer seu método de trabalho, nem seu trabalho poderá ser analisado apenas por seus resultados, é preciso conhecer o caminho percorrido para alcançá-los:

Na falta disso se desenhará uma imagem deformada do trabalho do historiador: ordeira demais, simplista demais, ou ambas”.¹¹

¹⁰ Neste caso, pequenos resumos acompanho os trabalhos relacionados.

¹¹ GINZBURG, C. Apontar e citar: A verdade da história In RH – Revista de História, IFCH – UNICAMP, 2/3, 1991, p. 91.